

Governo "ganha" mas teme futuro

O Governo está acompanhando, com euforia e preocupação, a disputa que se desenvolve dentro do PMDB, para escolha do candidato à Presidência da República. A euforia é por constatar que pode até vencer a convenção do partido, com o ministro Íris Rezende. Este é também o motivo de preocupação.

A avaliação que se faz no Palácio do Planalto é de que os progressistas, se continuarem divididos, com tantos candidatos, abrirão caminho para a vitória de Íris Rezende. E não é exatamente isso o que o Governo quer.

O melhor candidato para o Governo é Orestes Quércia. O governador paulista é, na avaliação do Palácio, o único nome capaz de derrotar as esquerdas na eleição de 15 de novembro. Ele e Jânio. Mas Jânio é uma incógnita.

É verdade que algumas cabeças políticas do Planalto argumentam que o ministro Íris Rezende pode ser um bom candidato, pelo seu "jeitão caipira", por sua "identificação com o brasileiro médio". Mas são poucos os que pensam assim.

O dia seguinte

Íris foi lançado para garantir espaço político e aumentar o poder do Governo de influir na escolha do candidato do PMDB à sucessão presidencial. A vitória de Íris seria uma meia vitória do Governo. É esta, então, a pergunta que se faz no Palácio do Planalto: "E o dia seguinte?"

A pergunta certamente não seria feita se o nome em questão fosse o do governador de São Paulo. O governo está convencido de que Quércia é o melhor candidato para derrotar a esquerda, mas teme que a sua indicação não se concretize, devido à resistência de Ulysses.

O presidente Sarney acompanha a disputa interna do PMDB, em parte, condenando a pressão dos governadores sobre Ulysses, e um pouco saboreando a "traição" de que tem sido vítima o presidente licenciado do partido. Traição que ele, Sarney, teria sofrido dos mesmos governadores. (Celso Franco)